EXPEDIENTE.

—Recebemos tam tarde os lindos versos, com que o nosso amigo o Sr. Pereira da Cunha nos mimoseou, que não foi possivel responder immediatamente com a sua publicação á delicada carta que os acompanhava.

—Por falta absoluta de espaço, não fallamos hoje do excellente drama — O Trapeiro de Paris.

— Agradecemos muito ao nosso antecessor na redacção deste Jornal, o Sr. José Maria da Silva Leal, o haver-nos honrado com a sua collaboração. A união, que nós tanto queremos promover em torno do pensamento grandioso que deu origem á Revista, fica bem provada com este facto. — É um favor que nós avaliamos em muito.

—Tambem recebemos a poesia com que nos honrou o Sr. Aires Pinto de Sousa. Será mui proximamente publicada.

Publicações recebidas. —Breves Linhas Portuguezas por D. Antonio de Almeida, Coimbra, 1848.

Escudo Christão, n.° 10.

Jornal dos Facultativos Militares, n.° 50.

Trovador, n.° 17 e 18, contém: Poesias dos Srs. H. O'Neill, Cordeiro, J. de Lemos, Freire de Serpa, Pereira da Cunha, A. Lima, L. da S. Mousinho de Albuquerque, e Cascaes.

Jornal da Sociedade Catholica, n.° 3.

Revista Popular, n.° 1 e 3.

Pharol, n.° 1.

Revista Contemporanea, n.° 4, contém o retrato e a Biographia do Sr. Alvaro Xavier das Povoas.

CONHECIMENTOS UTEIS.

RENDIMENTO E DESPEZA DE ALGUNS ESTADOS DA EUROPA.

297 Nas relações, que existem entre o rendimento e a despeza de um estado, assenta ao presente toda a sua prosperidade. Quando dissemos no prologo deste volume, que a nova civilisação, enjeitando a força como base do poder, proclamava o imperio da intelligencia — marcámos o ponto de partida de todos os nossos trabalhos, e registámos um facto, que em si resume o segredo da transformação social, porque ha meio seculo estão passando as nações da Europa.

A integridade do territorio já não depende das condições dos tractados. Deixou de ser um preceito diplomatico, para se converter em uma necessidade geral, que assegure a paz.

Os interesses intellectuaes e phisicos da sociedade proclamam por toda a parte, que só o trabalho e o respeito á moral e á justiça são os elementos da nova civilisação.

As necessidades da vida augmentaram em virtude destes principios, e a constituição dos estados converteu-se no meio de parcialmente operar a obra grandiosa do aperfeiçoamento indefinido.

Centralisaram se os meios de que todos podiam dispor para que a unidade augmentasse a força da applicação, e lhe regulasse a justa distribuição.

A organisação dos estados contém em si os elementos para ir progressivamente desenvolvendo esses meios. — O seu rendimento se deverá augmentar quando o accrescimo do rendimento de cada individuo o habilitar para contribuir com maior quota para acelerar os melhoramentos sociaes em que unicamente se tem de empregar a despeza publica.

O estudo das variações do rendimento e despeza dos varios estados da Europa é por consequencia um dos pontos mais importantes da historia contemporanea.

A severa analyse das causas dessas variações em relação aos interesses economicos das sociedades vão para o futuro substituir, nas paginas da historia, a narração desses horriveis assassinatos, que escondem a sua origem criminosa com a denominação brilhante de victorias, e que mancharam com sangue as obras castas dos escriptores gregos e romanos, bem como as dos que antes de escrever receberam o baptismo de Jordão.

Os preconceitos que antigamente obrigavam os povos a crer, que certas combinações dos numeros lhes podiam decifrar o futuro, mudaram-se para o exacto conhecimento dos algarismos que revelam, se as nações são ou não bem dirigidas no caminho da civilisação. — Para que uma nacionalidade se dissolva, não é preciso que a espada do conquistador corte os laços que a unem, basta um perpetuo desequilibrio entre o seu rendimento e a sua despeza, sem que progrida na obra de seu melhoramento. Não se póde deixar de pasmar como os principios de uma sciencia, que alguns ainda não querem reconhecer, conduzem o espirito com a maior facilidade a uma conclusão tão facil de perceber.

Quando as questões, nascidas da ambição pessoal, substituem por contendas politicas, e de mão armada, a discussão das questões sociaes que se não comprehendem no meio da lucta fratricida da guerra, é mister subir até ás mais geraes abstracções da sciencia economica para fazer conhecer a magnitude do que vulgarmente se chama a questão de fazenda, e que realmente é a questão de vida ou de morte dos estados. — Em nação nenhuma, póde ser considerada questão de partido, sem grave responsabilidade dos que assim lhe roubam todo o prestigio, de que a cerca a vastidão dos interesses que abrange.

Constituindo a somma dos rendimentos individuaes de cada nação, o que se chama rendimento nacional, é evidente que só do augmento deste rendimento póde provir o augmento da renda do estado ou da parte que desse rendimento se póde applicar para sua civilisação. Não cabe nos limites de um jornal expor os elementos de que se compõe o rendimento que se chama receita publica, nem os meios como se applica ao grande fim para que se destina. Teremos portanto de nos limitar á exposição dos factos, que se encontram em documentos authenticos, restringindo a sua analyse á simples apresentação de algumas idéas geraes.

Quando o augmento da receita e da despeza provém do desenvolvimento gradual e continuo dos interesses economicos; e quando não são as guerras que promovem despezas extraordinarias, mas a necessidade de repartir pelo futuro os encargos de qualquer despeza, que tambem se converte em seu beneficio, o deficit não é essa imagem da morte, que nas nações mal governadas lhe desenha o futuro nas paginas do orçamento. — Um escriptor distincto, Tegoboski, dis-

se mui judiciosamente a este respeito — « O augmen-
« to do orçamento não é um mal nem uma prova de má
« administração, porque a civilisação exige muitas des-
« pezas, e quando a receita é bem applicada, os im-
« postos são uma parte do rendimento individual em-
« pregado a favor de todos..... a situação financeira
« de um paiz examina-se analysando se os encargos
« estão ou não em proporção com os recursos dos con-
« tribuintes, se os repartem bem, e se o rendimento
« do estado é bem administrado, fazendo d'elle um
« emprego productivo. »

Hoffman na sua obra — *A sciencia dos impostos applicada á monarchia prussiana* — comprovou historicamente a verdade enunciada pelo historiador das finanças da Austria, quando, ao traçar o quadro do seu trabalho, marcou os limites que tem de abranger qualquer escripto, ácerca das finanças de uma nação. Será isto o que nos vae provar essa massa enorme de valores, representada nos ultimos orçamentos de França e de Inglaterra, que vamos resumir.

Por maiores que sejam as economias que a nova fórma de governo, que a França acaba de inaugurar, proponha no orçamento, poucas alterações poderá haver no seu resultado final, em comparação ao que foi votado para 1848, e que appresenta os seguintes factos (1).

A receita foi calculada em 222.604:241$600 réis. A somma em que foram calculadas as contribuições, territorial pessoal e mobiliaria, das portas e janellas e a das patentes prefazem 67.053:148$160 réis.

As verbas que constituem a despeza são

Divida publica.

Juros da divida consolidada e amortizada.	46.606:072$160
» de emprestimos com applicação especial para as obras publicas. . . .	1.457:648$000
» da divida fluctuante e de outros capitaes . . .	4.640:000$000
» de titulos de renda vitalicia	8.791:670$400

Dotações.

Lista Civil, Camara dos Pares, e Camara dos Deputados . .	2.387:544$000

Ministerios.

Justiça e cultos	10.608:618$480
Negocios estrangeiros	1.421:667$520
Instrucção publica	2.886:085$280
Reino	18.650:361$280
Agricultura e commercio . . .	2.301:520$000
Obras publicas	18.139:288$000
Guerra.	51.521:661$120
Marinha e colonias	22.166:543$200
Fazenda	2.842:421$760
Despeza com a cobrança dos impostos e outros rendimentos publicos	25.102:799$200
Restituições, premios e descontos	11.869.715$800
R.s . . .	231.396:617$200

(1) Para facilitar a comparação das differentes addições que inserimos n'este artigo, e para supprir a carencia de observações, que por falta de espaço não fizemos, julgámos dever reduzir, a moeda portugueza, as differentes moedas em que taes addições estavam representadas.

A despeza excede a receita 8.789:385$600 réis.

O quadro das finanças da França appresentado por Necker aos Estados Geraes em 1789 appresenta os seguintes resultados

Despezas fixas.....	85.671:040$000
Receita liquida.....	76.047:044$320
	9.623:995$680

É sabido, que findas as campanhas da revolução e que depois das finanças da França se haverem sumido no abismo do descredito, o celebre Cambon abrindo na assembléa nacional o *grande livro da divida publica*, estabeleceu o equilibrio entre o rendimento e a despeza, reduzindo de um terço os encargos da divida publica e consolidando toda a divida pelo modo mais ousado, que se podia emprehender. Só depois da França ter esgotado todos os seus recursos contra as nações da Europa, só depois da quadra fatal dos *assignados* e de se haverem posto de novo em vigor essas leis iniquas, ácerca da moeda metalica, que a regencia tinha promulgado, é que se poderia dar um passo tam atrevido, no caminho da organisação financeira. Blanqui um dos maiores admiradores de Cambon, quando, na sua historia da economia politica, expõe a situação das finanças durante a revolução vacilla antes de lhe tecer o elogio, que realmente lhe é devido.

Apesar dos grandes melhoramentos da França, dessas obras colossaes dos caminhos de ferro, a comparação do seu deficit, como se vê, não apresenta o augmento, que taes emprezas podiam ter produzido. Isto mesmo provam os ultimos trabalhos, que vimos de Wolowski sobre as financas e a divida publica da França.

Quanto á situação financeira da Inglaterra, eis aqui os resultados, que se encontram na conta da receita e despeza do anno findo em 5 de janeiro de 1847.

Receita.

Direitos das alfandegas. . . .	84.743:905$080
Imposto sobre as bebidas . . .	57.631:837$200
Sello	30.921:341$600
Impostos directos.	17.612:369$640
Sobre a propriedade	22.229:010$920
Postas	3.481:400$000
Bens da coroa	494:400$000
Impostos sobre pensões e salarios	99:073$640
Excedente de direitos recebidos por diversos serviços publicos . .	933:254$160
Dinheiro vindo da China em virtude do tractado de agosto de 42.	2.750:693$280
Receitas diversas.	430:387$560
Recebido da companhia das Indias.	247:200$000
Dividendos, que não foram reclamados	40:495$180
Réis. . . .	221.615:368$560

Despeza.

Juros da divida permanente e despezas da sua administração . .	97.807:040$760
Annuidades	16 137:965$840
Juros dos bilhetes do *exchequer*.	2 148:299$840
Lista civil.	1.619:287$720
Pensões	2.194:559$800
Salarios e gratificações. . . .	1.095:829$360
Corpo diplomatico	721:230$720
Administração da justiça . . .	3.586:085$080
Diversas despezas a cargo dos fundos consolidados	2.058:560$360
Exercito	27.198:851$680
Marinha	32.150:271$680
Artilharia e engenharia. . . .	9.729:520$080
Despezas annualmente votadas pelo parlamento	13.419:076$680
Réis. . . .	209.888:579$600

Exceden neste anno a receita á despeza a quantia de 11.726:788$960 réis.

Todos sabem a differença que existe, entre uma conta e um orçamento. Para fazermos conhecido o deficit da Inglaterra, poremos aqui os seguintes resultados extrahidos dos seus orçamentos desde 1840 até 1846 observando, que o anno economico finda sempre em 5 de janeiro de cada anno civil:

Deficit.

1840	6 232:703$040
1841	6.567:156$400
1842	8 657:640$280
1843	16 395:906$680
1844	5 946:414$240
1845	13 827:152$600
1846	15.728:676$800

Para dessipar o deficit ultimamente apresentado, Lord Russel propunha um augmento no *income tax* do qual desistiu em consequencia das representações, que lhe foram feitas para que não houvesse tal augmento, e assegurou que o deficit seria coberto com outros impostos, que brevemente seriam propostos ás camaras.

Apesar de ser incontestavel que chega um ponto em que o augmento do imposto e da divida publica é um meio illusorio e impotente para cobrir o deficit do estado, não se póde duvidar, que as circunstancias especiaes da Inglaterra, que fazem que todos os mercados do mundo lhe consumam os seus productos, concorrem para que ainda se salve nesses dous recursos, que de tanto perigo são, quando se não podem nem devem usar.

Do que temos examinado se observa, que ha grandes variações na despeza e no rendimento da França e da Inglaterra, mas essas variações não appresentam os tristes effeitos, que seria de suppor se o fomento da industria, augmentando a renda nacional, não promovesse a prosperidade publica. Só assim se poderá explicar como o estado das finanças que entre estes dois periodos, 1793 e 1846, apresenta a desproporção, que vemos sem que della resulte grave perturbação no regimen economico do paiz.

Em 1793 pagava a Inglaterra de impostos 16 milhões de libras esterlinas, orçando a divida publica por 239 milhões de libras, e em 1793 pagava de juro 9 milhões de libras, e em 1846 29 milhões. A taxa dos pobres prefazia em 1793 dous milhões de libras e em 1846 já era quazi de 10 milhões!

A carestia das subsistencias veio ainda agravar a situação da fazenda, e debalde os trabalhos de Miguel Chevalier, continuando os celebres relatorios de Jacob começados em 1826, teem procurado analysar a producção agricola dos differentes paizes, a sua capacidade productiva e o preço porque podem vender os seus productos: mormente os da grande bacia do Baltico.—Apesar de tudo, os motivos que apontamos bastaram para contrabalançar os maus effeitos de todas essas causas.

Sentimos não poder dizer alguma coisa sobre a situação financeira da Hispanha, mas os elementos, que a este respeito possuimos, são muito incompletos para que nos aventuremos a asseverar qualquer circumstancia. — Desejariamos que mais amplas relações estabelecidas entre os dous paizes facilitassem o conhecimento deste e de outros factos.

O orçamento da Prussia appresentado á Dieta em 27 de março de 1847, continha:

Receita liquida	31.432:515$772
Despeza	30.480 039$792
Differença	952:475$980

A receita excedia a do anno anterior 1.261:041$948 réis, e a despeza 1.261:044$048 réis.

Dos Estados Pontificios o ultimo documento official de que temos noticia é de 1838 e appresenta estes resultados:

Despeza	5.490:328$000
Receita	5.037:760$000
	352:568$000

Desde então o deficit tem sempre regulado por mais de 400:000$000 de réis. É de esperar que a sabia administração do esclarecido Pontifice, que ao presente rege a egreja, faça com que brevemente se conheça o verdadeiro estado financeiro desses reinos.

Quanto á divida publica de algumas nações da Europa, limitar-nos-hemos a organisar o seguinte quadro:

	Capital.	*Juros.*
Inglaterra. . .	3.176 774 580$000	117.484:356$000
Austria.	388.000:000$000	20.000:000$000
Belgica.	93.837:954$400	3 574:306$880
França	1,214.240:000$000	60.667:650$560
Paizes-Baixos	414 886:480$000	12.076 181$706
Prussia.	88.861:232$800	2.903:799$520

O orçamento do rendimento e despeza de Portugal

para o anno economico de 1848 a 1849, appresentado ha pouco pelo Sr. Ministro da Fazenda, calcula a

Receita	11.118:317$960
Despeza	11.628:650$526
Deficit	510:332$566

Os leitores verão talvez com interesse o resultado da comparação do rendimento e despeza publica, tirado dos orçamentos que desde 1821 até ao presente se tem publicado; advertindo que não incluiremos neste trabalho o orçamento de 1845 a 1846 por ser o unico que appresenta um saldo a favor: sendo a

Receita	10.756:954$668
Despeza	10.717:542$442
	39:412$226

DEFICIT.

1821 A 1846.

1821 (1)	Receita	7 332:000$000	
	Despeza	9.182:707$500	
			1:850:707$500
1823 (2)	Receita	7.734:897$817	
	Despeza	10.583:594$090	
			2.848:693$273
1827 (3)	Receita	6:602:000$000	
	Despeza	10.177:411$000	
			3.575:411$000
1828 (4)	Receita	11.030:959$338	
	Despeza	14 899.619$075	
			3.868:659$737
1835-36 (5)	Receita	9.902:493$442	
	Despeza	14.356.127$650	
			4.453:634$208
1836-37 (6)	Receita	9.491:866$060	
	Despeza	13.077:658$303	
			3.585:792$243
1837-38 (7)	Receita	9.294:362$750	
	Despeza	11.217:596$366	
			1.928:233$616
1838-39 (8)	Receita	9.693:058$867	
	Despeza	11,845:221$359	
			2.152:162$492
1840-41 (9)	Receita	9.916:883$473	
	Despeza	12.056:130$731	
			2.139:247$258
1841-42 (10)	Rec.	10:882:740$017	
	Despeza	10.842:737$333	
			9:997$316
1842-43 (11)	Rec.	10.257:571$175	
	Despeza	11 775:181$182	
			1.517:610$007
1843-44 (12)	Rec.	9.841:151$055	
	Despeza	11.156:392$547	
			1.315:241$492
1844-45 (13)	Rec.	9.933:862$195	
	Despeza	11·606:945$196	
			1:673.083$001
1846-47 (14)	Rec.	11.615:069$132	
	Despeza	11.660:851$066	
			35:781$934

Que vastas considerações poderia suscitar o deficit permanente e accumulado se houvessem contas completas, em que realmente se podesse estudar, comparando-o com a situação economica do paiz?

A questão ahi fica appresentada. — O nosso desejo é que a trate, sem odio e sem affecto, quem tiver o saber e os elementos, que nós não possuimos.

Quanto á existencia de um deficit qualquer, em geral diremos, que sendo demorada a obra da civilisação e não abrangendo unicamente a geração que a promove, é mister muitas vezes, que o presente para se não sacrificar ao futuro, reparta com elle os encargos que trazem proveitos mais distantes e são ordinariamente os que exigem mais avultados capitaes. A divida publica, que tem esta origem, é a unica que se não transforma no cancro que exhaure todas as forças productivas de uma nação.

Tendo este nosso trabalho abrangido os resultados, que appresenta em Portugal a comparação da receita e da despeza desde 1821, era mister esta explicação para que ao examinar a elevada somma a que sobe a divida publica de alguns Estados, se não fizesse entre elles e nós uma comparação em todo o ponto impossivel, porque desgraçadamente Portugal só tem empregado o capital immenso dos seus recursos no esteril campo das discordias civis, em quanto as outras nações empregaram o seu

(1) Appresentado em 20 de julho por Francisco Duarte Coelho.

(2) Dito por Sebastião José de Carvalho.

(3) Dito em 7 de novembro pelo Barão do Sobral.

(4) Dito em 11 de fevereiro pelo Sr. Manoel Antonio de Carvalho.

(5) Dito em 24 de janeiro de 1835 pelo Sr. José da Silva Carvalho.

(6) Dito em 29 de fevereiro de 1836 pelo Sr. Francisco Antonio de Campos.

(7) Dito em 24 de abril de 1837 pelo Sr. Manoel da Silva Passos.

(8) Apprezentado em 31 de janeiro de 1839 pelo Sr. Manoel Antonio de Carvalho.

(9) Dito em 17 de fevereiro de 1840 pelo Sr. Florido Rodrigues Pereira Forjaz.

(10) Dito em 10 de janeiro de 1841 pelo mesmo Sr.

(11) Dito em 24 de agosto de 1842 pelo Sr. Barão do Tojal.

(12) Dito em 16 de janeiro de 1843 pelo mesmo Sr.

(13) Dito em 17 de janeiro de 1844 pelo mesmo Sr.

(13) Dito em 17 de janeiro de 1846 pelo mesmo Sr. então Conde do Tojal.

rendimento e a parte que avançaram sobre o futuro nessas obras magestosas da intelligencia e do trabalho, que fórma a maior epopéa dos tempos modernos.

A nossa triste situação hade continuar em quanto não sacrificarmos a nossa ambição e a nossa vaidade ante a gloria de um nome que os nossos maiores nos legaram, comprando-nos a nacionalidade com o preço das suas vidas e do seu descanço.

Quando chegar esse quadro de desengano, a pagina da historia que a marcar será tam brilhante como a que Affonso Henriques escreveu nos campos de Ourique, D. João I em Aljubarrota, e o povo em 1640. Teremos firmado entam em as unicas bases possiveis a nacionalidade, que esses feitos heroicos constituiram E o estudo do nosso rendimento e despeza será o elogio de um povo illustrado e trabalhador em vez de ser como ao presente a mais tremenda accusação, que se póde fazer a um grande perdulario que nem pelo seu saber desvanece a censura que merecem os seus desvarios.

MEIO DE DIMINUIR O COMBUSTIVEL QUE PRODUZ O VAPOR.

298 Um engenheiro francez, M. Léonard, residente em Londres, descobriu um meio de diminuir o combustivel nas machinas de vapor. A sua invenção, para a qual alcançou privilegio, consiste em introduzir azeite de balêa ou qualquer outro azeite de peixe na caldeira, sem o misturar com a agua, ou lançando-lhe apenas uma pequena porção della. Quando o azeite estiver na temperatura que produz o vapor, lança-se a agua para dentro, e o vapor é immediatamente gerado sem que o azeite passe ao estado de vapor.

Já se teem feito diversas experiencias, e em todas se reconheceu uma economia de 40 a 50 por cento de combustivel. *(Annalles Maritimes.)*

PROCESSO PARA A CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS, POR H. PAYNE, DE LONDRES.

299 Nos diversos processos de conservação das madeiras ha dois factos principaes: o modo de impregnação, e a materia conservadora.

O modo de impregnação mais praticado, mais seguro, e unico industrial, é o imaginado e proposto por M. Bréant. Consiste no emprego da pressão atmosphérica quer pelo vacuo, quer pela compressão do ar.

Quanto ás materias conservadoras são tantas que só o uso ensinará quaes são as melhores. Entretanto um chimico inglez descobriu mais uma.

M. Payne obteve em 29 de Junho de 1846 privilegio de invenção por um modo novo de conservar madeiras, o qual consiste na impregnação de enxofre. Para conseguir este fim, o auctor emprega um sulfureto qualquer, soluvel na agua, preferindo comtudo os de barium e calcium, que elle prepara aquecendo com carvão em pó os sulfatos destas bases em um forno de reverbero. Emprega a dissolução destes saes no pêzo especifico de perto de 1,040, e impregna a madeira mettendo-a em um cilindro de ferro fundido, no qual introduz o vapor que condensa para obter o vacuo, por meio de uma injecção interior de solução do sulfureto alcalino, e de uma injecção exterior de agua fria. Acaba de formar o vacuo por meio de uma homba de ar: depois enchendo completamente o cilindro com a solução dita, a comprime fortemente durante uma hora.

Para precipitar o enxofre no interior da madeira assim injectada, impregna-a de um novo liquido contendo um acido ou um sal, o qual dá, com a base do sulfureto, um precipitado insoluvel. M. Payne usa de preferencia da dissolução de sulfato de ferro do commercio, contendo 12 a 15 por cento de sal. A madeira fica injectada, conforme diz o auctor, de enxofre, sulfato de baryto, e de oxydo de ferro.

Moniteur Industriel.

CULTURA DAS BATATAS. (*)

11.

300 Pelo correr de fevereiro (abril em França) começam os trabalhos da sementeira pelo seguinte modo: —

Faz se um rêgo, o mais direito possivel: duas creanças, cada uma com seu cêsto, seguem a charrua ou arado, uma para deitar a semente da batata, e a outra estrume por cima, quando se quizer estercar a terra, ou quando ella já não tiver sido estrumada. Depois deste rêgo, ainda se abrem mais dois, onde se não deita nada. Faz se um quarto e n'este continua-se a operar como no principio, e assim nos mais.

Antes que a planta comece a elevar-se, deve sachar-se, e, um pouco depois de crescida, mondar-se muito bem.

Quando começar a florir, amontôa-se a terra junto ás hastes, por meio de uma charrua ou arado, que lavra entre os regos, e que lança a terra sobre as raizes.

Quando o terreno fôr bom, póde-se semear entre o batatal nabos.

12.

Quando o cultivo das batatas fôr a braço, os regos devem ser dispostos em xadrez, seguindo-se depois em tudo o mesmo proceder, que se descreveu acima.

Este methodo tem a vantagem de se poder usar d'elle em muitos logares, onde a charrua não póde entrar, como nas vinhas, nos declivios de fossos, nas clareiras dos bosques etc.

13.

Conhece-se que as batatas estão maduras, quando as folhas começam a amarellecer e a cahir por si mesmas. Alguns dias antes d'este praso, póde-se apanhar as folhas para dar ao gado, ou levar os rebanhos de vaccas e carneiros pastar ao campo.

Chegado o tempo da colheita deve-se tratar logo de a fazer, ou para aproveitar o terreno em novas sementeiras, ou para o alqueivar.

14.

É durante os mezes de julho a outubro, segundo os paizes, que se deve proceder á colheita. Uma simples charrua basta por dia para descavar geira e meia de terra; e seis creanças, cada uma com seu cêsto, levam para um logar determinado as raizes despojadas dos filamentos. A colheita feita a braço é mais morosa. Quando os terrenos são ligeiros, puchando-se pelas

* Vem do n.º 14.

hastes, consegue-se colher a batata; porém nos fortes é necessario não empregar a sachóla ou a enxada, mas um forcado com dois ou tres dentes.

Separam-se as pequenas das grandes. As que estiverem feridas devem-se consumir quanto antes, e regeitar as *tocadas*.

De todos os meios propostos para multiplicar as boas qualidades de batatas, e evitar a sua degeneração, nenhum ha tão efficaz, como as sementeiras.

De tempos a tempos devem-se renovar as especies por este modo. As destinadas para a sementeira devem ser conservadas durante o inverno, ou enterradas em areia, ou penduradas, misturando-as na primavera com terra, e lançando-as em camas, ou sobre esterco bem cosido. Logo que a planta cresce, sacha-se, e chega-se lhe a terra, e colhe-se como a que cresce por meio de botões. Por este modo no segundo anno, a producção é já boa: mas não é completa senão no terceiro. Este meio dá uma nova geração, que por largos annos conserva a sua fecundidade, e todos os seus bons caracteres.

A producção de batatas, que consistir apenas de algumas arrobas, é facil de arrecadar, pela promptidão com que se póde transportar de um logar para outro conforme a temperatura: deve haver todo o cuidado em não fazer montes grandes: é bom collocal-as sobre palha ou sobre taboas. Com uma grande producção ha de proceder-se diversamente. O mais efficaz é fazer no terreno mais elevado, mais secco, e mais perto da casa, uma cova proporcional ás batatas que se desejam conservar; e guarnecer-lhe o fundo e as paredes com palha comprida. Collocadas n'esta cova cobrem se com palha; e por cima estabelece-se um monticulo de terra com suas rampas bem feitas. Esta cova deve ser menos funda de um lado a fim de facilitar a entrada para se tirarem aquellas que se quizerem consumir. Feito isto tapa-se outra vez muito bem.

17.

Para fazer durar bastante as batatas, deve-se-lhe dar algumas cozeduras, cortal-as depois em fatias e expol-as por cima de um forno. Ellas adquirem então transparencia e uma forte seccura.

Cosidas a fogo lento, depois, dão um alimento sadio, comparavel ás frescas. Se as reduzem a farinha dão ex ellentes caldos e mui saudaveis.

Por este meio conserva-se por toda a parte e por muitos annos o restante da producção, que a germinação destruiria, quando sobreviessem os calores, e nunca haveria o receio de as obter, quando por qualquer inconveniente de gelos ou molestias, se perdesse uma colheita.

18.

Outro meio de tirar partido das batatas quando ellas valem pouco, é de lhes extrahir a farinha, com tanto que ellas não estejam alteradas. Um arratel produz de duas a tres onças de farinha. As vermelhas dão mais farinha que as brancas: e estas mais que as colhidas nas terras fortes e humidas.

D'esta farinha podem-se fazer caldos succulentos preferiveis aos de farinha de trigo. Convém aos velhos, aos convalescentes, e a estomagos fracos: augmenta o leite ás amas e evita-lhes as colicas a que são sujeitas.

Nos campos, serão bem raras as pessoas, que por meio de um ralador e uma peneira, não possam obter estes caldos.

D'esta farinha tambem se usa para se fazerem pós de gomma para os engomados. Deve-se guardar em logar secco.

19.

O coser as batatas em muita agua e em vaso descoberto deve ser proscripto, porque lhes faz perder parte das suas qualidades: o melhor meio é cosel-as com o vapor. Para isto metem-se em um vaso com pouca agua e tapa-se exactamente. Melhor seria lançal-as para dentro de um cesto, e metter este na caldeira sem tocar na agua. Uma rede posta no meio da caldeira faria o mesmo effeito. As batatas, cosidas por este modo, augmentam ainda as suas boas qualidades se as exposerem, descascadas, por algum tempo sobre um fogo lento. Perdem toda a humidade e adquirem as vantagens das cosidas no forno, ou sobre as cinzas: ficam sendo seccas, farinhentas e delicadas.

20.

As batatas, em razão de demandarem menos dispendio de dinheiro e trabalho para a sua cultura, tornam a subsistencia da gente dos campos mais facil, mais segura e mais abundante. É particularmente para os seus habitantes que ellas parecem destinadas, porque exigem poucos adubos para se tornarem em um alimento agradavel e sadio. Sal, manteiga, gordura, toicinho, mel, leite, qualquer d'estas substancias serve para temperar as batatas. Para o povo das grandes cidades tambem são uteis pois que é alimento anti-scorbutico Se parecem não terem gosto não são insipidas; e é mesmo esta qualidade, contra a qual tanto se clama, que faz que ellas se prestem a todos os paladares; que se assemelhem com o pão, de que ninguem se enjôa, e de que até se póde fabricar, quando falta o trigo: n'este caso porém apenas podem convir para os habitantes do campo e que tiverem colhido abundancia d'ellas, visto que, pagas todas as despezas, um saco, que pesar 220 arrateis, apenas lhes renderá 240 réis.

O transporte d'ellas para a capital é custoso, principalmente para os que habitarem no interior das provincias.

21

O pão de batatas consiste em empregar a farinha sob a forma de fermento, a conservar a massa mui forte, e a applicar as batatas cozidas com a casca ao fermento ou á farinha, e praticar de modo que a massa levéde bem. Tomem-se 25 arreteis de farinha de trigo, centeio ou cevada, conforme os usos e recursos do paiz; desfaça-se nesta farinha um pouco de fermento com sufficiente agua quente para formar uma massa consistente, que se deve deixar levedar; e 25 arrateis de batatas cosidas: misturam-se ainda quentes com a farinha de trigo, juntando-se duas onças de sal desfeito em agua. Amassa-se tudo muito bem. — Feito isto e bem levedada a massa, faz se o pão, e

leva-se para o forno, o qual não se deve aquecer muito. Este pão hade conservar-se no forno mais tempo do que o de trigo só.

Este pão conserva-se fresco alguns dias, e é saboroso, nutritivo, e saudavel.

22

Não ha planta alimentar mais geralmente util do que as batatas. Ministram verde quasi todo o anno: engordam o gado, que comem as suas folhas; e melhoram as terras.

Com esta planta, a gente do campo póde aproveitar os peiores terrenos, poderão fazer creações durante o verão, e no inverno sustentar o gado. O cultivador pobre achará nesta planta o meio de fazer render o seu pequeno campo.

Ésta cultura nunca é prejudicial á dos trigos. Se as colheitas foram abundantes, as batatas podem se destinar para dellas se extrahir o amido, e para sustento do gado.

Finalmente a cultura das batatas, offerecendo immensas vantagens, fará que o consumo dos grãos diminua nos campos, os seus habitantes ganhem mais, tenham mais gados e por consequencia mais meios de se enriquecerem.

P. Plantier.

MONTE-PIO PHILARMONICO

301 Temos á vista dois documentos de grande valia para a historia das Sociedades de Soccorro Mutuo entre nós. Referem se ambos á corporação dos professores de musica. Um é o relatorio e conta da Mesa da Real Irmandade de Santa Cecilia relativo ao anno findo, e outro são as ultimas contas do Monte-pio Philarmonico, o qual serve como de centro a uma importante associação que assegura o soccorro aos socios na falta de trabalho, e auxilia as familias que estes deixam por sua morte.

Em ambos os documentos, encontramos provas dessa dedicação, que é tam honrosa como rara, mas que que é suficiente para fazer triumphar qualquer pensamento.

Confessamos que não formamos idéa dessa associação, que á vista de taes documentos dezejamos estudar, pois que não será fóra de propozito, que na occasião em que a *organisação do trabalho* promove em França um cataclismo social, analizemos os principios, em virtude dos quaes uma das classes da sociedade portugueza se organisou, levando o espirito da associação até ao modo de se divertir, o qual se liga tambem com o fim benefico da sua instituição; sendo tudo protegido pelo espirito de Religião, que na forma de uma Irmandade se devisa entre essa organisação

Esperamos alcançar os elementos para mais detidamente fundamentarmos o nosso louvor ao pensamento de que nasceu essa lembrança. — No entanto o que desde já podemos asseverar, é que a situação financeira da Sociedade parece prospera, e que sem prejuizo de mais completa justiça, não podemos deixar de admirar a intelligencia e zelo impossivel de exceder, com que o Sr João Alberto Rodrigues Costa, tem promovido o desenvolvimento de um estabelecimento de tanto vulto, do qual foi fundador. O seu nome não poderá nunca esquecer porque o ligou para sempre a uma idéa bemfazeja.

Quando obtivermos os elementos de que precisamos, trataremos mais demoramente desta associação como de um ponto que se deve estudar em proveito dos nossos interesses economicos.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XIV.

302 O trabalho do pensamento é o meu repouso.

O corpo, fatigado pela dor, parece embriagar-se com este enlêvo do espirito.

Já não sei pensar sem escrever.

Quando se me trava na mente essa lucta sinistra, originada por tantos pesares, que a sombra do passado vem ainda tornar mais tremenda, procuro a penna como uma consolação. — Intento esboçar no papel a copia do que sinto.

¡E assim ando, de dia em dia, vae para dois annos!...

Deve hoje estar lá fóra um dia lindo.

¡Aqui nem chegam os encantos das estações!

O inverno regéla, o verão queima, e a primavera e o outono, nem se quer se percebem.

Ai... recordações da infancia!... Que seria de mim se ellas me não doirassem as cadêas com que me algemam?...

No inverno, bastava a lareira e os seus contos para que todos o desejassemos. Mas além disso, que de festas não havia então!? Era um nunca acabar.

E o Natal, a mais santa e a mais bella de todas!...

O maior Poder do mundo nascendo no regaço da pobreza, e preferindo as adorações puras do pobre á corrupção do oiro dos ricos...

Não me esquecem aquelles reis que vinham curvar-se ante o Filho do povo!

¿E será possivel que o dedo de Deus, que tambem traçou nesse mysterio augusto a virtude exaltada a tal ponto, me deixe assim gemer sem que levante do abatimento da desventura esta victima innocente?

Não... Deus é misericordioso como é eterno. Ainda a provação não acabou. O caminho da amargura é difficil de levar ao cabo, sem que a duvida venha turbar a alma.

No meio da obra da fé, deviso o horto. E foi

* Vem do n.º 15.

depois da resignação que o sacrificio se consumou sahindo do tumulo de um corpo a redempção de todas as almas.

Tambem a minha redempção ha de chegar.

Santo Deus! duas vezes me salvareis!

Uma na terra, tirando-me d'este inferno, outra no céu, perdoando-me o não ter forças para levar até ao Calvario a cruz que tanto me peza.

Não posso vencer a lembrança do passado. São espinhos que vem cravar-se em uma ferida sempre aberta.

Quando pelos mezes de junho e julho, ao pino do meio dia, estas paredes me suffocam, porque as não posso vêr arredadas de mim, para respirar o ar que me roubam, parece-me vêr caminhar, pelos oiteiros e valles da aldêa, esses ranchos de mulheres e de creanças, que entre o fogo do sol e da terra abrazeada, vão levar o alimento aos braços que os sustentam.

Quantas vezes encostado á caçadeira, do pincaro de um monte, eu via ainda esses quadros, que me fascinavam, quando já o eccho das cantigas se havia sumido nos valles juntamente com os que as cantavam: — e quando o trabalho desmanchava esses grupos, eu os retinha no pensamento, como aquelle padre da ermida havia fixado no painel um rosto celeste!

¿ Que haverá nas cidades que se possa egualar a isto? — Tomára saber em que passa a vida esta turba de gente, que de sege, a cavallo, e a pé, eu vejo divagar pela rua, como se andassem todos aborrecidos de si, e uns dos outros!

E ás séstas!.....

Era para vêr como no quebrar do calor, esses momentos de descanço vinham reparar as forças do pobre ganha-pão, amarrado á enxada desde o amanhecer!... Condoia-me d'elle então, que não precisava regar a terra com o suor do trabalho para me sustentar!

E agora invejo a sua sorte. Era livre! — Trabalhava.

Quem sabe se terei de mendigar, se d'aqui não sahir para a forca ou para o degredo! Quem sabe se me darão essa enxada, que ao cavar-me a sepultura fosse buscar ás entranhas da terra o triste preço de um pão, que eu repartisse com meu pae!

O que apenas hoje me lembra já elle me tem dito muitas vezes — « Filho, nem todos quantos querem, trabalham. Sem alguma fortuna, com que se comece, mal se vive no mundo. »

E que me resta para começar!?

A justiça arrancou-me um a um todos os recursos. — E ainda pedem dinheiro!... Aquelle maldito escrivão parece que se não farta nunca.

Como a sêde do oiro secca a alma.

Não o acreditava se meu pae o não asseverasse.

Assim que elle lhe contou a sua ventura, dando-lhe a nova da protecção, que nos apparecia, começou de novo a pedir dinheiro para quantas coisas se lembrou. — Debalde meu pae lhe expõe, que não quer abusar da bondade do seu bemfeitor..... faz medo o que lhe responde esse homem sem coração!

Nem um rio de dinheiro a correr para esta casa era bastante para tantas ambições!

Ha esmolas, que se não podem fazer aos presos, porque este ardente desejo de os expoliar, vem maniatar as mãos dos bemfeitores até ás portas das cadêas.

Quando o bom do nosso patricio me mandou a cama, em que ha alguns dias descanço, a primeira vez que veio, voltou, porque para entrar era preciso dar um cruzado novo. O moço não o trazia. — Eu nem cinco réis tinha comigo, e ainda hoje dormiria no chão, embrulhado em uma manta, se a tantos beneficios, essa alma caridosa, não juntasse mais um!

Meu pae disse-me, que o nosso patricio ficára mui admirado pela injustiça; mas que, por mais que instou com elle para que se queixasse n'esse logar, onde se diz que se fazem as leis, a vêr se remediavam estes e outros males, elle só lhe respondeu, encolhendo os hombros — « Homem, tem rasão. Não me faltam desejos de fazer o que diz, conheço outros como eu: mas ainda não é tempo: — vejo todos os olhos muito cegos pelas paixões, e não andam em estado de poderem olhar para esses abusos! »

Deus traga esse tempo, em que os vejam para os emendar. — Desejo-o como a liberdade.

XV.

Hei-de escrever a Margarida.

E' impossivel que a loucura lhe tenha morto na lembrança a recordação do nosso amor

Agora que sei onde ella pára, seria quasi ingratidão, deixar de lhe mandar uma prova d'este amor, que ha-de morrer comigo.

Talvez que volte a si, vendo a minha lettra: talvez que as frias e ephemeras expressões contidas no papel se animem com o sopro da vida e lhe accendam na alma aquelle affecto, que sempre respondia ás minhas palavras.

Julgará que me ouve e poderá recuperar a razão por meio do amor que lha roubou!

Como eu adivinhei bem todos os segredos d'aquella alma!

Debalde me diziam os meus amigos... até esse pobre Pedro, que me expirou quasi nos braços — « Andas muito louco, Paulo... não te pagam na mesma moeda... Margarida não te ama como tu a amas.... »

Loucos! que mal conheciam a vida.

Não diziam todos, que Pedro era muito amado por Justina.... e depois.... Antes esse amor não tivesse nunca existido. Como o fogo, que de subito se atêa na palha, apenas durou como o clarão que se esvae assim que deslumbra.

Havia duas arvores na lameda, que ficava ao pé da nossa freguezia. Eram as mais copadas de todas... não era possivel vêr uma sem a outra... mas um dia, que por alli passou grande numero de soldados foram á lameda cortar lenha para se aquecerem, uma das arvores foi tambem cortada e a outra começou a secar, nunca mais lhe viram reverdecer as folhas, nem rebentar os botões.

Assim eramos nós entre todos os da villa. — Entendiamo-nos com se Deus nos houvera creado um para o outro.

O golpe, que me feriu, tambem fez gotejar sangue desse coração, que todo me pertencia.

Se eu houvera pensado como os outros, não teria o nosso amor chegado quasi ao ponto de nos juntar as vidas em uma só pelas bençãos da egreja.

O que os mais chamavam indifferença era a castidade de um sentimento puro, reconcentrando-se no intimo da alma. E ao cabo de algum tempo dessa illusão, que parecia esconder-me a felicidade na duvida que os olhos de Margarida me não resolviam, encontrámo-nos um dia amando-nos um ao outro sem nunca o termos dito.

Antes desse dia, é que eu passava as noites a escrever essas paginas, todas de amor e saudade, que lá me ficaram na papeleira e sabe Deus onde terão ido parar.

Tinha dezejo de as vêr. Talvez alguem se tenha rido por sua causa.

Hão-de achar que era fraqueza de animo o estar um homem a padecer largas horas, algumas vezes, só por não ter comprehendido um olhar da mulher que ama!

Que se riam os desgraçados a quem o amor não revelou nunca o destino da vida! — Tenho dó delles. Não me importa o seu desprezo.

Muitas vezes veio a santa de minha mãe, já por alta noite, bater-me á porta do quarto. Sôa-me ainda aos ouvidos a sua voz tam meiga: — « Filho, vai te deitar, não estejas assim gastando a vida com esses livros que hão de dar cabo de ti. » — Foi em uma dessas noites, que ella surprehendeu o meu amor, e viu que os livros não eram os culpados das minhas vigilias.

Tinha eu, sem o saber, deixado a porta cerrada; e estando entregue ao empenho em que andava de merecer o coração de Margarida, sinto as mãos de minha mãe arredando-me as minhas do rosto, que o estavam amparando... Logo que olhei para ella me disse: — « Filho, porque choras... « o que querem dizer estas noites assim perdidas. »

Confessei-lhe tudo. — Ouviu-me com alegria... e animou-me, disendo que o amor estava-me cegando e que talvez eu fosse, sem o saber, muito amado por Margarida: que nesse caso só restava, que as pertenções de fidalguia, que existiam na casa do Capitão-Mór, não se opposessem á nossa união.

Tive mais animo desde essa confissão.

E o futuro que se me levantava tam risonho e florido cahiu para a sepultura do cadaver de Pedro!

Ahi jaz, tendo a sua queda feito com que se manchasse a minha vida pura com o sangue que não derramei!

Em quanto é dia vou realisar esse desejo que me deu novas forças.

O coração é que o manda; vou escrever a Margarida.

[Continua.]

Á MEMORIA DE MINHA MÃE.

Publica hoje a REVISTA mais uma estrêa de novo menestrel, o Sr. Antonio de Mello (S. Lourenço). É tambem mais uma prova de que não teem sido baldadas as nossas diligencias em favor d'este jornal. Sentimos verdadeiro prazer, que só bastaria para recompensa de muitas fadigas, quando pensamos que nomes illustres, de que estas paginas andavam orphãs ha tanto, as vieram novamente abrilhantar, em virtude dos nossos rogos, e que pelo mesmo motivo, outros nomes, tambem distinctos, ahi teem sido estampados pela primeira vez. — Somos gratos ás delicadas provas de consideração pessoal, que temos recebido, e nunca as poderemos esquecer. — Deus fade como merece o mavioso trovador, que assim começa dedelhando na lyra de oiro da nossa poesia os sons saudosos, que acompanham os mais santos affectos do coração.

—

303 Abraçada ao firme tronco,
De cuja raiz nasceu,
A tenra debil vergontea
Se vae erguendo p'ra o ceu;
Partilhando a vida, o suco
De quem a vida lhe deu!

Assim nos braços maternos
Se ergue á vida, aonde entrou
Lindo infante, ao qual a vida
Sopro d'amor só gerou,
E que a mãe para adoral-o
Das entranhas arrancou.

Com uns braços delicados
A mãe procura abraçar,
Como que ao tronco robusto
Se quer da vida abrigar,
Da tempestade da vida
Que os vae prestes desligar.

E no tronco entrelaçado
Ou procura o seu sustento,
Ou risonho se debate
Quando toma novo alento,
Ou dormindo ledo encontra
Brando leito a seu contento!

E a mãe paga-lhe em beijos
Seus rizinhos seus folguedos;
Dá-lhe o leite e se elle chora;
Eil-os novamente ledos!
E se dorme..... então pensando
Já lhe tece mil enredos.

Já o vê (bem como outr'ora
Desejara vêr o amante)
Ou na popa do navio,
Ou em cavallo arrogante;
Desse corpo pequenino
Assim fórma alto gigante!

E se alfim lhe foge o somno,
Ella o beija novamente:
Seu amor inda mais terno,
Eis lhe diz tudo o que sente!
Se o vê rir, lê lhe as respostas
Nesses rizos mui contente.

Assim estas existencias
Uma quazi inda formando,
Com amor e com ternura
Se vão ambas embalando!
A vergontea alegra o tronco,
Que o sustento lhe vai dando!

Assim outr'ora enlaçada
Tive já tambem a vida:
Mas o tronco vi quebrar-se,
Morrer vi essa mãe qu'rida
E da materna existencia
Ficou a minha despida!

E quando vejo no mundo
Esse quadro bello e santo,
Sinto saudade e respeito,
Sinto mui formozo encanto,
Sinto ser melhor a vida
Começada em amor tanto!

15 de fevereiro de 1848.

A. de Mello.

TRABALHOS GEOGRAFICOS DO SR. VISCONDE DE SANTAREM.

Cobramos animo sempre que vemos o nome portuguez, admirado pelos estrangeiros.

Não ha louvor que baste para quem no meio do desalento, que lavra pela nossa sociedade, ainda ousa crer no futuro e se volta para o passado, sacando á luz da publicidade as joias, que os nossos maiores ganhavam com as suas victorias e descobertas; e que deixámos desapparecer no abysmo do esquecimento.

O Sr. Visconde de Santarem tem neste ponto prestado os mais importantes serviços. — A historia e a litteratura devem-lhe bastante, e é com justiça que muitas vezes as publicações mais acreditadas da Europa mencionam o seu nome como o de um escriptor consciencioso, e as suas obras como de grande valia para se emprehenderem os mais graves estudos historicos.

O Sr. Visconde de Santarem é tam estimado, por todos quantos presam as nossas letras, que certamente será lido com muita satisfacção o seguinte artigo, que extrahimos de uma das publicações geographicas de maior vulto intitulada: — *Annuaire des Voyages et de la Géographie pour l'année 1847 par une réunion de Géographes et de Voyageurs sous la direction de M. Fredéric Lacroix.*

ATLAS DO SR. VISCONDE DE SANTAREM.

304 «No *Annuario* de 1844, avaliámos como merecem os bellos trabalhos do Sr. Visconde de Santarem sobre os descobrimentos dos Portuguezes na Africa, e geralmente sobre a geographia da edade média. Mostrámos tambem o estado da publicação dos monumentos cartographicos colligidos pelo Sr. Visconde, e destinados para formar um grande Atlas.»

«O honrado sabio prosegue, com infatigavel actividade, as suas investigações em todas as bibliothécas da Europa. Novas entregas *(livraisons)* de atlas teem vindo juntar-se ás que inauguraram a sua obra, e augmentar a cartographia da edade média com treze monumentos tão curiosos como importantes.»

«Eis-aqui a nomenclatura destes monumentos.»

«I — O famoso Mappa-Mundi de Cosmas indicopleustés do sexto seculo da nossa éra, que se acha em um manuscripto do nono seculo, e que representa a cosmographia dos Padres da Egreja.»

«II — Mappa Mundi do nono seculo ou do começo do decimo, encontrado por Miller em Madrid, e tirado

de um manuscripto que pertenceu á bibliotheca da *Roda* em Aragão. N'elle se nota, como em quasi todos os monumentos cartographicos da edade média, a Asia maior que a Europa e a Africa reunidas; o que vem em auxilio da demonstração do Sr. Visconde de Santarem, que vem a ser, — que antes dos descobrimentos dos portuguezes, os cosmógraphos da Europa não conheciam a extensão e os verdadeiros limites da Africa.»

«III — Mappa-Mundi que se acha em um manuscripto do decimo seculo (da bibliotheca de Médicis, em Florença): nelle se notam as mesmas particularidades que no precedente.»

«IV — Mappa-Mundi do duodecimo seculo, que faz parte de um manuscripto de Sallustio da bibliotheca Laurentina, em Florença.»

«V — Mappa-Mundi do decimo terceiro seculo com os nomes gregos (manuscripto da bibliotheca dos Médicis em Florença).»

«VI — Mappa-Mundi do decimo quarto seculo, encontrado em um manuscripto de Sallustio, da bibliotheca de Médicis em Florença. — Appresenta as mesmas particularidades de que se tractou a cima.»

«VII — Mappa Mundi do decimo quarto seculo, mui curioso, existente em um manuscripto da bibliotheca Laurentina de Florença.»

«VIII — Mappa Mundi que está em um manuscripto de *Marco Polo* na bibliotheca de Stockolmo. Nelle se vê egualmente a Asia maior que a Europa e Africa juntas. Este ultimo continente nelle está marcado menor que nos outros monumentos deste genero. O cosmógrapho que desenhou este mappa marcou a fórma da Africa conforme o systema de Erathosthene: por outro lado, seguiu a theoria de Pomponio Mela ou dos Pythagoricos, desenhando ao sul da Africa uma grande terra dividida pela juncção dos dois mares, isto é o paiz dos Antichthonos.»

«IX — Planisphério encontrado em um manuscripto latino da bibliotheca do rei, do decimo quarto seculo, onde se vê *Jerusalem* no centro do mundo e o *Paraiso* na extremidade oriental da Asia.»

«X — Planisphério achado no manuscripto de um poema geographico do começo do decimo quinto seculo, e anterior aos descobrimentos dos portuguezes. Neste monumento, por extremo curioso, vê se a terra no centro do Universo, e á roda della, o Sol, Venus, Marte, Jupiter e Saturno, pela ordem estabelecida por Platão entre os planetas.

«XI — Mappa Mundi de *Andréa Bianco* de 1436, que serve para demonstrar que Christovam Colombo colheu muitos raciocinios para o descobrimento do Novo Mundo no systema deste cosmógrapho, isto é em um Mappa-Mundi deste genero.

«XII — Mappa-Mundi de La Salle desenhado no decimo quinto seculo.»

«XIII Portulano italiano do decimo quarto seculo, que pertenceu á biblioteca Pinelli, e hoje é da de Mr. Walckenaer, contendo seis cartas maritimas do mundo então conhecido. As cartas deste precioso monumento, dadas em *fac simile* pelo Sr. Visconde de Santarem, são do mesmo seculo que a de Pedro Vesconti, que existe na bibliotheca imperial de Vienna, e que tem a data de 1318.

«Nas duas cartas da Africa deste Portulano, a costa occidental termina no cabo Bojador, como em todas as cartas maritimas anteriores aos descobrimentos dos portuguezes.

»A nova entrega *(livraison)* que prepara o Sr. Visconde de Santarem será ainda mais importante. Ha-de compôr-se do mappa-mundi do cosmógrapho venesiano *Fra-Mauro*, o mais notavel monumento da geographia da edade média, e que encerra já alguns resultados dos descobrimentos dos portuguezes até ao golfo de Guiné. Este mappa-mundi acha-se estampado em uma carta de sete pés de comprido: o Sr. Visconde publical-o-ha em doze folhas ou estampas.»

NOTICIAS.

THEATRO DE S. CARLOS. — BENEFICIO DA SR.ª BUSSOLA. — CONCERTO DO SR. MOESER (*). — FIDANZATA CORSA.

305 Por milagre ha no theatro dous tenores, que sabem cantar, e uma dançarina que sabe dançar. — Para um artista o beneficio não é só um meio de lucrar, mas é principalmente uma occasião de receber o premio, devido ao seu talento, e aos desejos que manifesta de agradar ao publico. Os applausos de uma noite de beneficio tem mais valor do que uma enchente real.

Apesar do abandono a que o theatro se tem condemnado, houve concorrencia no beneficio da Sr.ª Bussola, e não lhe faltaram os applausos e corôas que tanto merece. A graça e delicadeza com que dança habitualmente juntava nessa noite o merito de compositora. A sua estrêa neste genero agradou. O bailado é vistoso e animado por aquellas posições interessantes com que a eschola franceza tem transformado a dança mais em uma arte de gosto, do que n'um esforço de arlequim, e das quaes a Sr.ª Bussola sabe tirar tanto partido.

Estimamos muito ter ensejo, para confirmarmos com o nosso louvor a sympathia que o publico progressivamente vai dedicando a esta artista.

O segundo concerto do Sr. Moeser excedeu o primeiro. O numero dos espectadores era avultado e nem um só deixou de ficar maravilhado com tam subido prodigio da arte.

Em quanto o Sr. Moeser nos encantar com aquelle coro de harmonias, que parecem nascer do seu arco, ha-de a rebeca ser o idolo de todos. Não se descreve o que se sente ouvindo este segundo Liszt. Quando tirou as cordas á rebeca, deixando-lhe só a quarta, e começou a executar umas variações de sua composição, parecia que o arco tocando em muitas cordas unia a musica do instrumento aos sons maviosos e subtis de uma voz que juntava o seu canto, ora ao trinar das aves, ora ás torrentes de harmonias limpidas, que sahindo do orgão voam pelas abobadas dos templos. O nosso louvor cifra-se em pouco. O Sr. Moezer só ouvido se póde admirar e comprehender. — O que dissemos não é uma opinião, mas só um apontamento das impressões que sentimos.

Quem ouviu Liszt deverá sentir muito se não podér ouvir o insigne artista, que tambem o imita na rebeca pela inspiração de que o genio cerca os prodigios do seu estudo.

(*) Por equivoco se escreveu Morser em o numero antecedente.

A' cerca da *Fidanzata Corsa*, opera de Pacini, imitaremos a Empreza, que deixou os espectadores sem folheto na primeira representação, e diremos aos Leitores que por motivos muito para attender apenas lhes podemos affirmar de que as representações que até hoje tem havido, parecem ensaios.

Ora a critica, applicada a ensaios ainda que sejam geraes, é uma incoherencia.

PRAÇA DE LISBOA.

22 DE MARÇO.

306 Fundos publicos de 5 por cento 49 a 50 por cento. — Acções do Banco de Portugal 395$000 a 398$000 réis. Acções das Lezirias 412$000 reis — Bilhetes do thesouro admissiveis na 4.ª parte dos direitos 90 por cento, moeda metalica, e na 6.ª parte 79. Acções sobre o fundo de amortização 40 por cento, em notas. — Descouto de notas 50 por cento.

AO CONSELHO DE SAUDE PUBLICA A PROPOSITO DO THEATRO DE S. CARLOS.

307 A extrema benevolencia do Governo, a pasmosa resignação das auctoridades, a quem compete a fiscalisação do modo como a empreza do theatro de S. Carlos cumpre as condições do seu contracto; a indifferença com que em geral os nossos jornalistas deixam passar sem correcção tantos abusos, e a paciencia do publico; tudo vae receber a devida recompensa, se pelo menos o Conselho de Saude nos não val em materia, que unicamente se refere á hygiene publica.

A illuminação do theatro está sendo feita de tal modo, que é altamente prejudicial á saude dos espectadores. Constanos, que nas ultimas recitas, algumas pessoas tem sido obrigadas a retirar se dos camarotes da 3.ª ordem, porque o fumo do lustre as suffoca completamente.

É uma crueldade matar a gente com uma tisica, depois de se ter ouvido e visto a Sr.ª Patriossi, a fingir que faz de primeira dama!

Esperamos que o conselho de saude nos valha em tal caso, já que perdemos a esperança de que se remedeem tantos abusos, que teem transformado o primeiro theatro da capital em um verdadeiro theatro de aldêa.

COMMERCIO DE LIVROS.

308 É incontestavel que a grande importação de livros estrangeiros, teve muita influencia no desenvolvimento litterario, que ultimamente tem havido em Portugal.

A sciencia politica e administrativa — a historia — as sciencias praticas e as de applicação, e a litteratura amena, são por tal modo estudadas nos outros paizes, que a vulgarisação dos livros que lhes dizem respeito, não podia deixar de ser um incentivo para a nossa patria. Assim foi. Talvez a pureza e particular sabor da nossa linguagem se desvanecessem alguma cousa, por falta de que os seus foros fossem bem zelados; mas é fora de duvida, que uma avultadissima somma de conhecimentos uteis se derramou por todo o paiz. — O commercio dos livros é por tanto um assumpto, ácerca do qual as noticias são de muito interesse, por tal motivo noticiaremos o que ha pouco observámos em alguns livreiros da capital.

P. PLANTIER. LIVREIRO DE S. M. F. — RUA DO OURO N.° 60.

O Sr. Plantier pelos seus escolhidos e abundantes sortimentos, foi quem mais impulso deu a este commercio em relação aos livros modernos. A crise economica porque temos passado, havia feito com que esta casa não recebesse as remessas, que regularmente lhe faziam de França de tudo quanto ahi se publicava e que merecia ser conhecido. Ao presente parece voltar ao seu antigo movimento e a collecção de livros ultimamente chegados é de muita valia. — Não ha ramo algum especial de conhecimentos ácerca do qual não vissemos algumas obras. O funcionario publico, o homem de letras, o agricultor e as pessoas que cultivam as sciencias, todos encontrarão publicações que lhes são da maior utilidade. Além de mui ricas e elegantes edições primorosamente illustradas, o que mais nos admirou, ate pela novidade, foi a variada collecção de livros tambem illustrados encadernados em lindas capas de cartão e todos proprios para instruir e deleitar a mocidade.

Recommendamos a todas as pessoas, que se interessam pela educação como ella deve ser considerada, que vão examinar estes livros e os divertidos jogos instructivos, que tambem vimos em casa do Sr. Plantier e os quaes são por certo a maneira mais agradavel de ensinar as creanças. — Sentimos que a alfandega confundindo este objecto com os simples brinquedos dificulte a sua importação e faça que o seu preço não seja mais comodo, como podia ser se o direito não fosse tam exorbitante. Esperamos que esta nossa ponderação não deixe de ser considerada pelas pessoas competentes, que talvez ignorem a existencia deste facto.

SILVA. LIVREIRO FRANÇEZ E PORTUGUEZ — ROCIO.

Seria grave injustiça se não fizessemos menção das muitas deligencias que o Sr. Silva tem feito para acreditar o seu estabelecimento, o qual está bem fornecido e contêm muitos e variados livros, que nos pareceu, que se vendem muito baratos. — Admirámos nesta casa uma variada e riquissima collecção de *Livros de Missa* e de *Semana Santa*. Nunca vimos tam differentes gostos, desde oito tostões até desaseis crusados novos: ha livros para todos os preços.

São escriptos em portuguez e devidos ao amor com que fóra do nosso paiz o Sr. Roquete cultiva as letras patrias. A edição é nitida e ornada com finissimas illuminuras, que muito a enriquecem.

J. PAULO MARTINS LAVADO. LIVREIRO PORTUGUEZ. — RUA AUGUSTA N.° 8.

O Sr. Lavado bem conhecido por ter muitos annos servido de caixeiro em casa da Sr.ª Viuva Henriques, estabeleceu ha pouco loja sua a qual vae progressivamente crescendo em credito, porque a probidade e bons modos do Sr. Lavado hão de concorrer para que a sua freguezia seja cada vez mais numerosa. É a isto que se deve o não haver livro nem jornal portuguez, que ahi se não encontre. O Sr. Lavado começou já a receber muitas encommendas de livros que foram pedidos do Brasil, e estamos certos, que hade fazer fortuna. Na sua loja tambem vimos um lindo sortimento dos livros do Sr. Roquete.